



"Corremos o risco de eleger uma moeda para presidente". Do senador Esperidião Amin, ao criticar a influência do sucesso do Plano Real nas eleições presidenciais.

"Quem não me entende é o intelectual, que fica com vergonha de dizer que não entendeu. A massa entende, a massa percebe". Do candidato Enéas Carneiro, em entrevista, defendendo a linguagem que adotou na campanha.

Política

PMDB vai continuar o maior partido na Câmara

MARCONDES SAMPAIO
Especial para o JBr

Mesmo com a indefinição de cerca de 50% do eleitorado quanto ao voto para deputado federal, o perfil da futura Câmara não deverá ser muito diferente da atual: O PMDB continuará sendo o maior partido da Casa, com cerca de 100 de seus futuros 513 componentes, o PFL deverá sofrer perdas na sua atual bancada, de 89 integrantes e a esquerda — incluindo o PDT — crescerá, totalizando aproximadamente 110 deputados. O PSDB de FHC também aumentará sua representação — de 48 para cerca de 55, muito aquém, portanto, da expectativa que chegou a ser criada pelos dirigentes tucanos, de uma bancada de mais de 80 integrantes.

É verdade que — principalmente na hipótese de vitória de Fernando Henrique Cardoso — a frustração quanto ao desempenho do seu partido na eleição parlamentar tenderá a ser largamente compensada pelas previsíveis adesões, vindas, principalmente, do PMDB e, em menor proporção, do PDT. Esse potencial de cooptação de peemedebistas e pedetistas anima algumas lideranças "tuca-nas" na idéia da criação de um novo partido — a Social-Democracia Brasileira — que, sob o manto do governismo, poderia se tornar a maior organização partidária do País.

Difícil maioria — Pela soma do potencial dos partidos que apóiam FHC, os resultados da eleição não serão suficientes para assegurar maioria parlamentar ao eventual governo social-democrata: PSDB, PFL, PP, PTB e PL, juntos, totalizariam entre 205 e 220 deputados, e a maioria, na Câmara, será de 257. No Senado — 81 cadeiras —, a coligação tem alguma chance de ser majoritária: o PFL terá entre 16 e 20 senadores, o PSDB entre seis e nove, o PP, entre três e seis, o PTB entre duas e quatro, e o PL, possivelmente, uma. Esses números representam as somas das cadeiras de cada partido que não estão em disputa, com as possibilidades de cada um deles no pleito de hoje.

Na análise do futuro quadro parlamentar, sob um possível governo FHC, cabe também observar a situação do PPR. Mesmo com a esperada derrota do seu candidato à Presidência da República, Esperidião Amin, esse partido não deverá sofrer maiores abalos, até porque reúne lideran-

ças que em termos de prestígio nacional estão acima do próprio Amin: Paulo Maluf, Delfim Netto e Jarbas Passarinho.

O PPR elegerá cerca de 50 deputados e terá uma bancada de seis a nove senadores. Salvo casos isolados, não deverá sofrer perdas para o esquema parlamentar de FHC, até porque essa adesão direta talvez não seja necessária. Dirigentes do partido já antecipam que ele se manterá numa posição de "independência" em relação ao futuro governo, mas desde já pode-se antecipar que, em muitas questões da reforma constitucional pretendida por FHC, não haverá maiores dificuldades para um acordo com o PPR.

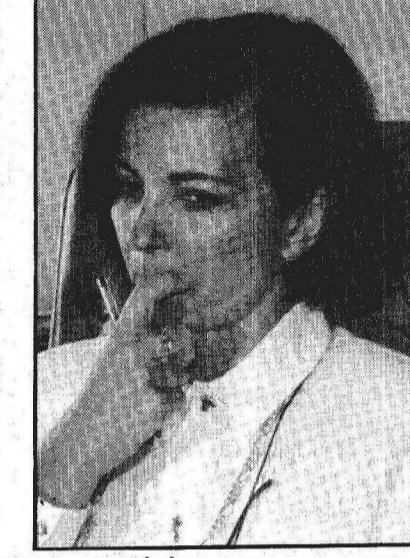
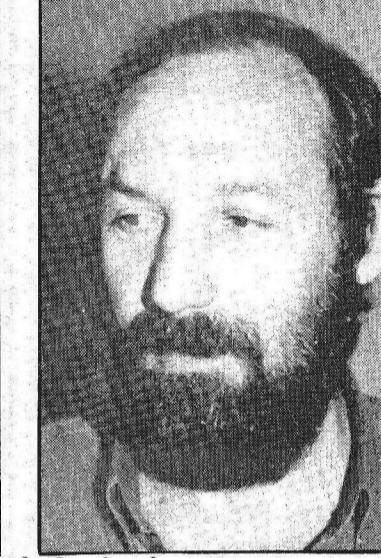
Problemas de Lula — Problemas maiores enfrentaria Lula para montar o esquema de sustentação do seu governo no Congresso. A previsão mais razoável ainda indica uma futura bancada petista de cerca de 50 deputados e de dois a cinco senadores. A liderança do partido na Câmara procura fugir ao pessimismo, alimentando a esperança numa representação de até 70 deputados. Um dos fatores que leva a esse cálculo otimista é, paradoxalmente, a elevada proporção de eleitores indefinidos. Acredita o PT que tal indefinição será danosa à maioria dos partidos e benéfica à sua representação. Esse raciocínio é baseado na confiança no empenho da militância petista e na determinação do seu eleitorado que, ao contrário da maioria, teria maior consciência da importância no voto para o Legislativo.

Mais realista — De qualquer modo, mesmo com essa estimativa máxima de 70 deputados, para o PT, a coligação que apóia Lula teria dificuldades para totalizar 100 representantes na Câmara; o PC do B, que chegou a confiar na eleição de até 16 deputados, agora faz um cálculo mais realista, com um máximo de 12; o PSB elegerá de 12 a 16; o PPS, de dois a cinco; o PV um ou dois; e o PSTU talvez nenhum.

Embora a campanha eleitoral tenha revelado as divergências entre os dois partidos, a verdade é que não existe antagonismo irremediável entre o PT e larga parcela do PSDB que poderia integrar-se ao eventual governo Lula. Ainda assim, esse acréscimo estaria longe de assegurar a maioria parlamentar necessária, que somente seria possível com a adesão do PDT e da maior parte do PMDB.



Montoro voltará à Câmara, enquanto Marta Suplicy, Meneguelli e Ieda Crusius deverão estrear no Congresso no próximo ano



Fotos: Arquivo